

Ensaio

Qualquer semelhança não é mera coincidência

Claudia Wasserman*

Fidel Castro no México

Após a fracassada invasão ao Quartel de Moncada, em 1953, Fidel Castro e seus companheiros foram presos. No ano seguinte, fugiram da prisão e buscaram asilo no México, onde formaram o Movimento 26 de julho. Passaram a planejar uma nova invasão, que ocorreu em 1956. No México, os críticos do ditador Fulgêncio Batista conheceram Che Guevara, o médico argentino que, alarmado com a pobreza e desigualdade dos povos latino-americanos, resolvera lutar contra as mazelas do subcontinente. Os exilados cubanos também se uniram a peruanos, guatemaltecos e outros latino-americanos que encontraram asilo no México e a ex-combatentes da Guerra Civil Espanhola que buscaram refúgio fora da Europa, depois da vitória de Francisco Franco. Entre eles, Alberto Bayo, nascido cubano, que lutou na Espanha e treinou os exilados na "guerra de guerrilha", preconizada por Che Guevara como a forma de luta ideal para combater o exército de Batista. Oitenta e dois combatentes do Movimento 26 de julho partiram do México para fazer a Revolução em Cuba.

Che Guevara na Bolívia

Che Guevara morreu na Bolívia em nove de outubro de 1967. Chegara em La Paz em 1966, disfarçado, usando um nome falso e registrou-se num hotel como uruguaio. Estava a serviço da revolução socialista. Não podia admitir que a implantação do socialismo em Cuba fosse uma vitória isolada, esperava que toda a América Latina fosse libertada do jugo imperialista, a partir da implantação dos "focos" revolucionários. Che foi recebido por Mario Monge, líder do Partido Comunista Boliviano e lutou chefiando os militantes do Exército de Libertação Nacional (ELN). O exército boliviano, financiado pela CIA, perseguiu o grupo liderado por Guevara até a aldeia de La Higuera, onde foi capturado e morto. Embora a fotografia de seu cadáver tenha circulado por toda América Latina, seu corpo desapareceu, sendo encontrado 30 anos mais tarde, numa vala comum na Bolívia, a 50 km do local onde foi executado.

Brasileiros em Cuba

Em duas ocasiões, brasileiros contrários ao regime de Segurança Nacional, implantado a partir de 1964 no Brasil, realizaram treinamento guerrilheiro em Cuba. Em 1965, marinheiros, fuzileiros navais e sargentos, cassados em 1964 e exilados em Montevideú, partiram para um curso que durou cinco meses em Cuba, no qual tiveram noções básicas de armamento, explosivos, minas, bombas e geografia. Os brasileiros eram recebidos em Cuba como revolucionários de países *hermanos*, que voltariam à terra natal para fazer a revolução. Entre 1967 e 1971, a Aliança Libertadora Nacional (ALN), co-

A INCURSÃO CONSENTIDA OU NÃO DE FORÇAS ARMADAS, DE POLICIAIS OU DE GRUPOS POLÍTICOS LATINO-AMERICANOS EM PAÍSES VIZINHOS NÃO É NOVIDADE. FORAM INÚMERAS AS MOTIVAÇÕES PARA CRUZAR A FRONTEIRA: BUSCA DE ASILO POLÍTICO, REFÚGIO DE CRISES ECONÔMICAS, ACÚMULO DE FORÇAS, TREINAMENTO, BUSCA DE INIMIGOS DO REGIME POLÍTICO, QUESTÕES TERRITORIAIS ETC.

mandada por Carlos Marighella, enviou aproximadamente cem militantes para treinamento em Cuba. Noções de topografia, tiro, exercícios de sobrevivência integravam a rotina dos cursos. Militantes do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR8), liderado por Carlos Lamarca, e da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) foram em menor número para receber treinamento na ilha. A maior parte dos militantes brasileiros que treinaram em Cuba não voltaram para o Brasil antes da anistia e entre aqueles que voltaram durante a ditadura, poucos sobreviveram. A repressão procedeu a um verdadeiro massacre, eliminando um a um os defensores da luta armada para resistência à ditadura no Brasil.

Operação Condor

Uma aliança secreta estratégica entre os órgãos de repressão dos países do Cone-sul, notadamente, Argentina, Brasil, Uruguai, Paraguai e Chile, com participação mais discreta da Bolívia, foi batizada de Operação Condor e tinha como objetivo coordenar ações repressivas em toda a região. O Brasil, por exemplo, fornecia informações sobre ações de militantes de toda a região e treinamento para agentes repressivos dos outros países. A morte de políticos de esquerda fora de seu território era comandada pelos órgãos de segurança internos, revelando a rede de informações repressivas na região. Em 1978, agentes do Uruguai foram admitidos no Brasil para perseguir militantes de esquerda. Foi o caso do seqüestro de Lílian Celiberti, Universindo Diaz e os dois filhos do casal. Em novembro de 1978, um comando do exército uruguaio, com a conivência do regime militar brasileiro e da polícia do Rio Grande do Sul, atravessou a fronteira para raptar os uruguaios. A operação foi descoberta e revelada publicamente, impedindo que a família fosse assassinada clandestinamente no Uruguai. Libertados da prisão uruguaia em 1984, Lílian e Universindo contaram detalhes do seqüestro que envolveu órgãos de repressão dos dois países.

Os "Contra" em Honduras

Honduras abrigou durante anos, a partir de 1981, os chamados "Contra" da Nicarágua. Eram grupos paramilitares de oposição ao governo

implantado a partir da Revolução Sandinista de 1979. Formado inicialmente por ex-membros da Guarda Nacional do ditador Anastasio Somoza, os "Contra" ganharam notoriedade por causa do suporte financeiro inicial de dezenove milhões de dólares, oferecido pelo então presidente norte-americano, Ronald Reagan para ajudar a derrubar o governo da Nicarágua.

Nicaraguense na Costa Rica

Éder Pastora, o controvertido "Comandante Zero", um dos principais líderes sandinistas durante a luta contra o regime do ditador Anastasio Somoza, abandonou o país em abril de 1982, depois de dez meses no cargo de vice-ministro da Defesa. Rumou para a Costa Rica, onde passou a atacar o governo sandinista, apontando a Nicarágua como "base soviética na América Central". Foi abertamente financiado pela CIA até 1984, quando os governos sandinistas e dos Estados Unidos chegaram a um acordo de paz. Um pouco antes da assinatura do tratado, ocorreu o atentado à bomba contra Pastora, em "La Penca", Costa Rica, mal explicado até hoje. Supõe-se que a "inteligência" dos Estados Unidos não precisava mais dos seus serviços.

Raúl Reyes no Equador

A presença dos guerrilheiros das Forças Armadas Revolucionárias Colombianas (FARC) no Equador revela mais um capítulo da intermitente incursão nas fronteiras da América Latina. Raúl Reyes, líder da guerrilha marxista que há mais de 40 anos luta contra o governo colombiano, foi caçado na selva equatoriana por forças do exército da Colômbia e assassinado, junto com outros 20 guerrilheiros. O que faziam os guerrilheiros das FARC no Equador? Procuravam refúgio, acumulavam forças, buscavam apoio para seguir lutando contra o governo de Álvaro Uribe, que recebeu nos últimos sete anos, por intermédio do afamado Plano Colômbia, mais de quatro bilhões de dólares dos Estados Unidos para o combate à guerrilha. O governo colombiano acusa a guerrilha de receber trezentos milhões da Venezuela. Supostamente favorável à implantação do socialismo na América Latina, Hugo Chávez apóia as FARC que têm aparentemente o mesmo objetivo, enquanto o governo Uribe é títere dos Estados Unidos, ameaçando o território do país vizinho, o Equador, cujo governo de Rafael Correa também se posiciona à esquerda no espectro político.

Tratar o episódio atual apenas como um caso de violação territorial ou abrigo de criminosos é ignorar que a América Latina ainda é palco de interesses ideologicamente divergentes, tributários do período da Guerra Fria, ressaltando problemas sociais não resolvidos e interferência norte-americana indevida.

* Professora de História - UFRGS



Cuba depois de Fidel

A Revolução Cubana inaugurou aquilo que o sociólogo brasileiro Octávio Ianni chamou de latino-americanização da Guerra Fria. Fidel Castro constituiu-se no mais contundente contraponto ao imperialismo norte-americano, enfrentou bravamente o bloqueio econômico imposto pelos Estados Unidos, mas teve que ceder aos desígnios da URSS. O socialismo europeu sucumbiu a partir de 1989, mas não teve o mesmo destino na ilha caribenha. Fidel foi um dos grandes responsáveis pela manutenção do regime. A repressão não foi o único instrumento de Fidel na permanência dos preceitos revolucionários. A memória da geração que viveu sob o regime de Fulgêncio Batista, quando Cuba era alvo da máfia norte-americana, ainda está viva. A Revolução não foi obra de um só homem e nem se manteve apenas por seu poder de repressão. Depois de mais de 40 anos, Fidel deixa o poder, mas tem muitos companheiros da Sierra Maestra para continuar sua obra e aperfeiçoá-la. Na América Latina, a Guerra Fria não foi apenas uma luta entre socialismo e capitalismo, mas entre o mínimo de dignidade e a desigualdade social profunda, por isso a Revolução Cubana não sucumbe nem diante da Queda do Muro, da Perestroika ou da renúncia de seu líder máximo.